



ARTIGO
ARTICLE

Susan Sontag: uma intelectual libertária/conservadora/radical nas Américas

Susan Sontag: a libertarian/conservative/radical intellectual in the Americas

Priscila Ribeiro Dorella 
Professora Adjunta, Universidade Federal de Viçosa
priscila.dorella@yahoo.com.br

DORELLA, Priscila Ribeiro. Susan Sontag: uma intelectual libertária/conservadora/radical nas Américas. *História, histórias*, vol. 8, nº 15, jan./jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.26512/rhh.v8vi15i.26700>

Resumo: Susan Sontag (1933-2004) foi uma das intelectuais públicas norte-americanas mais importantes do século XX. Escritora de romances e ensaios com dezenas de traduções, ela conviveu com expressivos intelectuais e artistas, inclusive latino-americanos, tais como Carlos Fuentes, Octavio Paz e Júlio Cortázar. Com isso buscou despertar o interesse de muitos leitores para as inovações literárias produzidas na América Latina, durante a Guerra Fria, e de que modo elas foram movidas pela urgência em pensar os acontecimentos políticos e sociais resultando em uma produção extremamente instigante e difícil de ser encontrada nessa mesma época nos Estados Unidos. Este artigo tem como objetivo apresentar como foram sendo estabelecidas as suas relações com alguns intelectuais latino-americanos, bem como discutir os desdobramentos de seus controversos posicionamentos políticos em relação à política externa norte-americana e as experiências revolucionárias na América Latina.

Palavras-chave: Susan Sontag; América Latina; História Intelectual;

Abstract: Susan Sontag (1933-2004) was one of the most important North American public intellectuals of the twentieth century. Writer of novels and essays with dozens of translations, she has lived with expressive intellectuals and artists, including Latin Americans such as Carlos Fuentes, Octavio Paz and Julio Cortázar. In this way he sought to arouse the interest of many readers for the literary innovations produced in Latin America during the Cold War and how they were moved by the importance of thinking about political and social events resulting in an extremely instigating and difficult production to be found at the same time in the United States. This article aims to show how her relationship with some Latin American intellectuals has been established as well as to discuss the unfolding of its controversial political positions in relation with the U.S. foreign policy and the revolutionary experiences in Latin America.

Keywords: Susan Sontag; Latin America; Intellectual History;

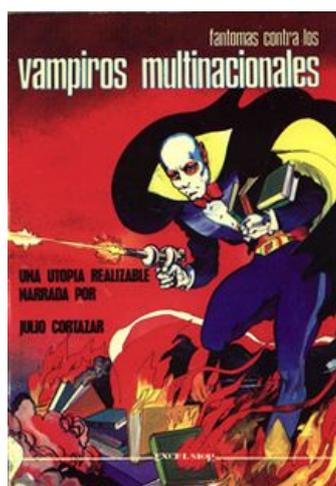
Introdução

No ano de 1975, em que boa parte dos países latino-americanos eram governados por regimes autoritários, Julio Cortázar publicou no México um divertido metacomic: “Fantomas contra los vampiros multinacionales, una posible utopia narrada por Julio Cortázar”.¹ O objetivo era mostrar como o escritor podia ajudar na luta pela libertação dos povos Latino-americanos. A ideia surgiu quando ele recebeu surpreso uma história em quadrinhos, publicada no México, chamada “La cultura en llamas” da série “Fantomas, la amenaza elegante” (Episodio 201) em que ele, Cortázar, era um dos personagens. O comic cujo protagonista é o “Fantomas”, conta a saga desse super-herói convocado por célebres escritores para salvar as principais bibliotecas do mundo que estavam sendo misteriosamente incendiadas por um louco que queria aniquilar a cultura ocidental. Cortázar, no momento que leu o comic, vendido por dois pesos com um símbolo pequeno da Pepsi-Cola estampada na capa, resolveu escrever a sua versão cortando parte da estória e acrescentando o seu texto de forma a modificar o sentido. Agora, ele, Cortázar, em conjunto com outros importantes escritores, como Octavio Paz, Alberto Moravia, Ítalo Calvino, Carlos Fuentes e Susan Sontag, podia dizer ao “Fantomas” que não era preciso nenhum louco atacar bibliotecas para destruir a cultura do mundo, bastava observar os terríveis atos provocados contra humanidade nas conclusões do Tribunal Bertrand Russell, que denunciava, por exemplo, as arbitrariedades da política externa norte-americana, ao apoiar as Ditaduras Militares na América Latina, e a contínua destruição da cultura dos povos indígenas. “Fantomas” ficou envergonhado e terminou a estória consciente de que era necessário reunir forças para lutar contra a loucura encarnada nas empresas multinacionais e nas formas de imperialismo.

O metacomic deixa uma mensagem clara para todos de que a tarefa do escritor, durante a Guerra Fria, era muito mais do que escrever contos e romances, mas também

¹ CORTÁZAR, Julio. *Fantomas contra los vampiros multinacionales*. México, 1975.

atuar politicamente com um sentimento de participação ativa e certo senso de responsabilidade diante dos acontecimentos. Chama a atenção o fato de que entre os escritores considerados por Cortázar, como aquele capaz de lutar pela autonomia da América Latina, estava uma única mulher, a escritora norte-americana Susan Sontag. Ela aparece na estória em um hospital se recuperando de um atentado contra ela, porém apta a refletir de forma crítica e ativa sobre os desafios políticos do mundo contemporâneo. Na realidade, Susan Sontag estava, naquele tempo, no hospital se recuperando com dificuldade de um câncer de mama. Mas qual a razão de uma escritora norte-americana judia e bissexual ter sido considerada uma referência da luta contra o imperialismo por um escritor de esquerda latino-americano durante a Guerra Fria? Que tipo de visão política ela tinha? Qual era a sua compreensão sobre a libertação dos povos latino-americanos? Qual é o papel que ela ocupou nesse universo literário predominantemente masculino?



Susan Sontag e a política

Susan Sontag (1933-2004) foi uma das intelectuais públicas norte-americanas mais importantes do século XX que alinhou a sua produção literária a uma constante reflexão sobre as questões políticas do seu tempo. Nasceu em New York, estudou literatura, filosofia e teologia nas Universidades de Berkeley, Chicago, Harvard e Oxford. Foi professora, escritora de romances e ensaios com dezenas de traduções, e participou ativamente de produções cinematográficas, teatrais e televisivas em várias partes do mundo, o que lhe propiciou grande visibilidade e reconhecimento. Suas reflexões políticas sobre intelectuais, democracia, Estado, guerra, cultura, feminismo e ciência se articulam

no seu pensamento a partir do que considera compromisso moral com “a liberdade” e “a verdade”.

Quando ganhou, no ano de 2001, o controverso Prêmio Literário Jerusalém, concedido àqueles que lutam pela liberdade em Israel, país frequentemente criticado pela violação dos direitos humanos, ela criou uma enorme polêmica entre a esquerda, que via a aceitação do prêmio como um ato de legitimação da política de ocupação de Shimon Peres, e a direita, que não se conformava com o fato dela homenagear no seu discurso tanto escritores israelenses quanto palestinos comprometidos, de acordo com ela, com “a verdade”²: O intelectual palestino Edward Said chegou a escrever uma carta para que ela recusasse o prêmio, elencando inúmeras razões, como o assassinato de milhares de civis palestinos provocado pelo Estado de Israel. Mas ela foi contundente ao responder que o fato dela aceitar o prêmio não a tornava cúmplice do Estado de Israel e muito menos criava condições para colocar fim ao conflito no Oriente Médio: “Dear Edward –[...] I sincerely believe that grandstanding – which is what my refusing The prize would amount to – is a glib response on the part of someone who barely knows that place at first hand (I’ve been there once twenty-eight years ago!) and who knows how to look and ask question and learn and speak out and write.” Ao receber o Prêmio Jerusalém, ela publicamente afirmou:

A primeira tarefa do escritor é não ter opiniões, mas dizer a verdade... e recusar-se a ser cúmplices de mentiras e de informações falsas. Literatura é o lar da nuance e da oposição das vozes da simplificação. A tarefa do escritor é tornar mais difícil acreditar nos saqueadores da mente. A tarefa do escritor é nos fazer ver o mundo como é, repleto de muitas e diferentes demandas, partes, experiências. É tarefa do escritor retratar as realidades sórdidas, as realidades que causam enlevo. É da sabedoria fornecida pela literatura (a pluralidade da realização literária) ajudar-nos a compreender que, o que quer que esteja acontecendo, sempre se passa algo mais.³

Susan Sontag conhecia muitos dos problemas filosóficos que envolvem dizer “a verdade” e compreendia que a ideia de verdade está conectada com o conhecimento, a pluralidade e os valores morais representando uma arma contra o autoritarismo e a violência. E tomada por isso as suas atividades intelectuais foram ao longo de sua trajetória movidas por imperativos de consciência e afeição que transbordaram para o debate e a ação pública, sendo considerada “uma ativista dos direitos humanos”. Viajou para países

² COCBURN, Alexander. Stone, Glass Houses, Sontag, and Saïd. April 5, 2001 Disponível em: <https://www.thenation.com/article/stones-glass-houses-sontag-and-said/> Acesso em: 20/03/2008.

³ SONTAG, Susan. *Ao mesmo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 162.

em guerra, como Vietnã (1955-1975) e Bósnia (1992-1995), presidiu no final dos anos 1980 a American Center of PEN, uma organização internacional de escritores dedicada à liberdade de expressão literária com frequentes campanhas a favor de escritores perseguidos e prisioneiros em várias partes do mundo, e escreveu importantes ensaios políticos críticos, publicados em revistas e jornais como *Partisan Review*, *Vanity Fair*, *Playboy*, *Vogue*, *Life*, *Time*, *Harper's Bazaar*, *Commentary* e *The New York Times*.

Foi a partir dos anos de 1960 ao publicar o ensaio *Notes on Camp* pela revista *Partisan Review* (1964) e logo depois o livro de ensaios *Against Interpretation* (1966) que ela ganhou a cena pública norte-americana por apresentar nesses trabalhos uma sensibilidade nova para com a modernidade, sem a intenção de adquirir consenso sobre sua posição política, cultural e histórica, e com a disposição de se inserir com intensidade nos meios de comunicação de massa se tornando uma “a pop icon”, “a radical chic” ou, como definiu o *New York Times* após a sua morte, “an intellectual with glamour”, filmada por Andy Warhol e Wood Allen, retratada por Joseph Cornell, fotografada por Annie Leibovitz e Diane Arbus, e entrevistada por Nadine Gordimer e Robert Wilson.⁴

Para o biógrafo Daniel Schreiber⁵ ninguém representou melhor o espírito dos anos 60 do que Susan Sontag. Todas as coisas novas e desconhecidas despertavam o seu interesse. A sua escrita e atitude radical em prol das transformações da arte experimental, do desenvolvimento tecnológico e da luta pelos direitos civis marcaram de forma significativa a paisagem cultural daquela época.

⁴ FOX, Margalit. Susan Sontag, Social critic with verve, dies at 71. 29/12/2004 Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/12/29/books/susan-sontag-social-critic-with-verve-dies-at-71.html> Acesso em: 02/03/2018.

⁵ SCHREIBER, Daniel. *Susan Sontag: a biography*. Illinois: Northwestern University Press, 2014, p. 68.

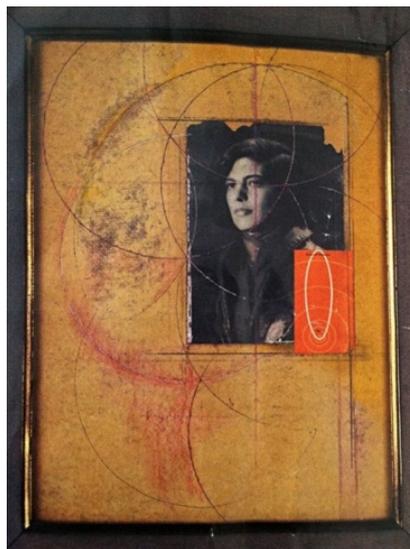


Figura 1. Assim começou a imagem de ícone pop, produzida por um dos poucos mestres do surrealismo americano - Joseph Cornell (1903-1972)⁶.

No ensaio de 1966, “O que esta acontecendo na América?”, ela chama a atenção para a necessidade dos intelectuais exercerem o seu ofício com seriedade ao demonstrar a sua indignação com os desdobramentos políticos nos Estados Unidos e no mundo, no momento em que Ronald Reagan se elegeu governador da Califórnia e o ator Jonh Wayne se sentiu confortável para aconselhar o presidente da América sobre como angariar apoio para manter a desastrosa Guerra no Vietnã (1955-1975):

Não é preciso dizer que os Estados Unidos não são o único país violento, feio e infeliz da terra. Ainda uma vez, é um problema de escala. Somente três milhões de índios viviam aqui quando o homem branco chegou, fuzil na mão, para o seu novo início. Hoje, a hegemonia americana ameaça a vida não apenas de três milhões mas de incontáveis milhões que, como os índios, nunca ouviram falar dos ‘Estados Unidos da América’ e muito menos o seu mítico império, o ‘mundo livre’. A política americana ainda é alimentada pela fantasia do Destino Manifesto, embora os limites fossem outrora colocados pelas fronteiras do continente, ao passo que, atualmente, o destino do país engloba o mundo todo. Ainda existem hordas de peles-vermelhas a serem dizimadas antes que a virtude triunfe; como explicam os clássicos do faroeste, índio bom é índio morto. Essa afirmação pode soar como exagero para aqueles que vivem na atmosfera especial e mais finamente modulada de Nova York e seus arredores. Cruze o rio Hudson. Você descobrirá que não apenas alguns americanos, mas virtualmente todos eles pensam dessa maneira.⁷

⁶ SCHREIBER, Daniel. Susan Sontag..., p. 70.

⁷ SONTAG, Susan. *A vontade radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 205.

Isto foi publicado justamente no auge da luta pelos direitos civis, que mudou a História dos Estados Unidos de várias formas ao colocar em evidência a política do país como limitadora da liberdade de minorias (mulheres, negros, indígenas, homossexuais, etc.) e da experiência democrática. Este movimento social alcançou grandes conquistas políticas, modificou o entendimento de muitos sobre discriminação, mas enfrentou inúmeras resistências e nunca chegou a ser um movimento hegemônico nos Estados Unidos. Com a repressão aos protestos raciais (Ex: Black Panthers) e os assassinatos de Martir Luther King e Robert Kennedy em 1968, por exemplo, o conservadorismo foi alcançando um amplo espaço contribuindo para enfraquecer os movimentos radicais e nublar a crítica produzida por eles.⁸

Entre os anos de 1940 e 1960, a economia norte-americana cresceu propiciando amplo emprego e o fortalecimento de uma classe média, porém esses avanços tornaram claro para parte da população que a melhoria das condições materiais não era o suficiente para assegurar a todos os cidadãos a garantia dos direitos civis, da liberdade individual e da experiência democrática. A luta comunista nos Estados Unidos, desde o final do século XIX, já havia sinalizado, por exemplo, os riscos sociais vigentes do capitalismo industrial, de forma rica e radical, mas perdeu drasticamente terreno na sociedade a partir da Guerra Fria devido às contradições internas (conflitos de identidades entre raça, gênero e classe), perseguições políticas (Era McCarthy) e dificuldades em elaborar a crítica sobre os crimes produzidos pelos regimes comunistas em outros países (stalinismo). A luta da New Left pelos direitos civis de mulheres e judeus, entre outros, abriu, por outro lado, a possibilidade de conquistar, no país, proteção para escapar das discriminações étnicas, raciais e religiosas evitando estar associado ao comunismo ao colocar em evidência que não era apenas a questão econômica que estava em jogo. Susan Sontag compreendeu os desafios que a envolvia, cedo demonstrou interesse na leitura de autores críticos da sociedade liberal que demonstravam a fragilidade da democracia na América. Assim, quando despontou como uma intelectual célebre nos anos 60, ela já tinha estabelecido uma forte base sobre os dilemas da democracia e as opções norte-americanas por um Estado militarizado e pela influência das grandes corporações na economia.

⁸ CÁNDIDA SMITH, Richard. *Improvised Continent*. Panamericanism and Cultural Exchange. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2017, pp. 135-148.

A atuação política de Susan Sontag desperta há muitos anos interesse daqueles que buscam uma compreensão crítica do mundo moderno, bem como dos que a acusam de ser “dark lady of american letters” e “antiamerican”⁹ por defenderem com veemência a ideia de excepcionalidade e superioridade da cultura norte-americana. Muitas críticas endereçadas a ela foram muito explícitas, principalmente por conta de suas análises políticas sobre a manipulação da mídia, os equívocos da política externa dos Estados Unidos, a viabilidade da democracia na América e a excessiva militarização do Estado – National Security State - desde a Segunda Guerra Mundial. O 11 de setembro é um caso emblemático do engajamento político controverso de Susan Sontag em que denunciou no jornal *New Yorker* o grave problema moral existente nos Estados Unidos e chamou a atenção dos americanos para desenvolverem com seriedade a autocrítica necessária a compreensão do mundo contemporâneo: “Where is the acknowledgment that this was not a “cowardly” attack on “civilization” or “liberty” or “humanity” or “the free world” but an attack on the world’s self-proclaimed superpower, undertaken as a consequence of specific American alliances and actions?” – O seu posicionamento político gerou polêmicas e até mesmo ameaças de morte. Os intelectuais neoconservadores protestaram no *Washington Times*, *The New York Post*, *Weekly Standard*, *National Review*, *New Republic*. Richard Brookhiser da revista *National Review* comentou: “we deserve it”, Charles Krauthammer da *Time* atacou ao nomeá-la de “morally obtuse” por fomentar o “anti-patriotismo”¹⁰ e o editor chefe do jornal *New Republic* começou a matéria com a questão: “What do Osama Bin Laden, Saddam Hussein, and Susan Sontag have in common?”.¹¹ Ela se defendeu em várias ocasiões e afirmou em entrevista para o jornal *salon.com*: “I am aware of what a radical point of view is. Very occasionally I have exposed one. But I don’t think for a moment my essay was radical or even particularly dissenting. It seemed very common sense”.¹² Segundo Shreiber, algumas semanas depois do ataque, grande parte dos americanos estava mesmo insatisfeita com a política externa do Presidente Bush.

⁹ WATER, Clay. *Susan Sontag, the Times’ Anti-American Essayist*. TimesWatch.org. Disponível em <http://archive.mrc.org/timeswatch/articles/2004/99.aspx> Acesso em: 30/01/2018.

¹⁰ HABERKI, Ray. *Susan Sontag and the 9/11 Haze*. Disponível em: <https://s-usih.org/2011/09/susan-sontag-and-911-haze/> Acesso em: 02/09/2017.

¹¹ SCHREIBER, Daniel. *Susan Sontag...*, p. 229.

¹² SONTAG, Susan. *Conversation with Susan Sontag*. Jackson: University Press of Mississippi, 1995, p. 230.

Designar desse modo uma intelectual crítica nos Estados Unidos de “antiamericana” simplesmente por criticar o governo ou a visão triunfalista da nação é um indício, de acordo com Noam Chomsky no documentário *Requiém for American Dream* (2016), de como o pensamento dissidente encontrou enormes barreiras de expressão, tanto no meio intelectual quanto na vida política e midiática, pois criticar o governo não implica em dizer que não se acredita ou mesmo não se identifica com a nação. Susan Sontag entendia que, desde a Segunda Guerra Mundial, o discurso patriótico tem estado nas mãos de reacionários que tornaram a ideia de amar a América um sinônimo de fanatismo, provincialismo e egoísmo.¹³ Mas como sabemos também, a ideia de que os norte-americanos são um povo excepcional, destinado ao futuro fundamenta o discurso patriótico e têm múltiplas raízes desde o processo de independência.

Para Susan Sontag, ao mesmo tempo em que é positivo o fato dos Estados Unidos ser um país feito por imigrantes desejosos por romper com o passado e recomeçar, é negativo a fraca conexão do povo norte-americano com a sua história. A amnésia em relação ao passado, entendida também por outros autores como “caracteristicamente americana”¹⁴, somado ao desenvolvimento de um individualismo distorcido e consumista, muito evidente a partir do início dos anos de 1970 com a implementação de políticas econômicas claramente liberais e conservadoras, criou um problema moral capaz de fazer uma nação esquecer suas responsabilidades diante da guerra e dos problemas sociais. Robert Bellah em seu livro *Habits of the heart*, de 1985, corrobora com essa ideia ao discutir a forma como as transformações políticas e culturais, a partir dos anos de 1960, influenciou a consciência e a prática social democrática dos americanos a ponto de ser notório, segundo o sociólogo, que toda a questão social passasse a ser vista com reservas, uma vez que o isolamento dos indivíduos levou a uma visão negativa com relação à esfera pública levando muitos a estarem confinados, como nas palavras de Alex Tocqueville, “the solitude the own heart”.¹⁵

Apesar de Sontag reconhecer que a maior parte dos intelectuais adota uma posição conformada como é a da maioria das pessoas, eles deveriam ter a responsabilidade, em

¹³ SONTAG, Susan. *A vontade radical...*, p. 280.

¹⁴ STAROBIN, Joseph R. *American communism in crisis: 1943-1957*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1972, p. 6.

¹⁵ BELLAH, Robert N. *Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life*. Berkeley: University of California Press, 1995, p. 262.

manter viva a atitude crítica, adversária e consciente em relação aos problemas políticos e sociais que envolvem os Estados Unidos¹⁶. É possível imaginar nesse sentido como a esquerda intelectual norte-americana há muitos anos vem sendo desafiada na política e na grande mídia. O termo progressista é frequentemente utilizado para designar parte da esquerda norte-americana, que engloba socialistas e liberais empenhados em lutar pelos direitos civis e contra a política externa do país. Segundo o historiador Alan Wald, ser um progressista nos Estados Unidos, após a Era McCarthy, foi amplamente compreendido como um desejo emocional de verdade e esperança compatível com a esquerda liberal. Representou um lugar lógico para quem tinha simpatia com ideais sociais sem ser associado ao comunismo. Boa parte dos judeus como Susan Sontag se identificou nos Estados Unidos com as ideias progressistas, inclusive pela própria discriminação que sofreram. Mas é interessante observar que apesar dessa discriminação ter sido bastante minimizada, ao longo da segunda metade do século XX, quando os judeus alcançaram uma expressiva influência política, econômica, intelectual e social, eles ainda exercem no país uma influência pública marginal.

A posição de Susan Sontag sobre o papel do escritor na sociedade contemporânea foi formada em boa medida por integrar o grupo dos chamados “Intelectuais de New York”, reunidos em torno de *Partisan Review*. Nomes como Mary McCarthy, Clement Greenberg, Hannah Arendt, Saul Bellow, Elizabeth Hardwick, Leslie Fiedler, Daniel Bel, Paul Goodman e Irving Howe pertenceram a esse grupo que publicou também renomados escritores europeus como Sartre, Camus, Jean Genet, Simone de Beauvoir, George Orwell, Ernst Jünger, Karl Jaspers e Gottfried Benn, bem como autores latino-americanos como Manuel Puig, José Donoso, Octavio Paz, Gabriel García Marquez e Mario Vargas Llosa. *Partisan Review* foi fundamentalmente o grande meio de expressão dos intelectuais judeus progressistas, a revista, lançada em 1934 pelo Partido Comunista em New York, muda a partir das denúncias dos crimes de Stalin ao se afastar das ideias comunistas e começar um forte combate ao fascismo. Durante a Guerra Fria, ela concede mais espaço para o pensamento liberal moderado e as críticas contra o comunismo, que em muitos momentos dos anos de 1950 e 1960 deu suporte a política norte-americana perdendo, nos anos de 1970, certa relevância cultural. Irving Howe, um dos grandes nomes da segunda geração

¹⁶ SONTAG, Susan. *Conversation with Susan Sontag...*, p. 236.

de Partisan Review funda em 1954 a revista Dissent, considerada mais à esquerda naquela época, pelas críticas acirradas ao macarthismo, mas que posteriormente não deixou de atacar também as experiências revolucionárias como a cubana, pelo dito apreço aos valores democráticos e libertários.

Os debates públicos dos chamados “Intelectuais de New York” contribuíram também para posicionamentos críticos divergentes e polêmicos em torno do papel do intelectual, do lugar do liberalismo e de como associar às posições moderadas e à esquerda em contraponto as forças reacionárias. Susan Sontag fez parte da chamada terceira geração de intelectuais judeus de New York, como Norman Mailer e Philip Roth, que ficaram famosos principalmente a partir dos anos de 1960 ao expressarem suas ideias heterodoxas sobre a importância da cultura e o papel da política não apenas em livros, revistas, jornais especializados e de grande circulação, mas também em emissoras de rádio e televisão (Bloom, 1986). A sua inserção pública foi controversa, inclusive entre aqueles pertencentes aos chamados “Intelectuais de New York”. Irving Howe, por exemplo, passou a julgar a sua inserção nos meios de comunicação de massa como algo menor, sem originalidade e voltado para um público desprovido de cultura. Em 1968 no ensaio *Commentary*, Irving Howe, descreve Susan Sontag como uma “publicist” que tinha “skillfully rebuilt version of aesthetic notions long familiar and discarded”.¹⁷

O engajamento público amplo de Susan Sontag ao propor outra sensibilidade para compreender o mundo moderno e buscar induzir por diversos meios uma mudança no clima moral conservador dos Estados Unidos para que a agressão ou a injustiça fossem vistas como tais, e a liberdade e os direitos democráticos fossem estabelecidos de fato para todos esteve assim associada às ideias progressistas, que não fez dela uma liberal em termos clássicos, pois foi uma intelectual pública radical fruto da situação particularmente confusa do pós-guerra, em que se mesclavam ideias radicais e liberais em um esforço dos intelectuais de analisarem a fonte das crises impostas pelo imperialismo e militarismo, e as opções por mudanças efetivas.

O interesse por vozes literárias e políticas dissonantes sempre a acompanhou pelos princípios morais envolvidos que contrapunham de forma crítica aos abusos das autoridades contemporâneas. O escritor judeu Paul Goodman foi uma das principais vozes

¹⁷ SCHREIBER, Daniel. Susan Sontag..., p. 91.

da New Left que a seduziu por suas ideias e atitudes radicais ao denunciar continuamente o colapso ético da sociedade norte-americana e os limites de certas visões liberais que se contentavam em restringir suas lutas apenas em prol do pragmatismo, do utilitarismo, da liberdade de consumo e ignoravam a perspectiva humanista incutida nessa tradição. É importante considerar também que Paul Goodman era anarquista, bissexual assumido, autor de um dos livros mais importantes do movimento de contracultura - *Growing up Absurd* (1959), crítico da intelligentsia nova iorquina e fundador da Terapia da Gestald.

Foi então em prol de desenvolver uma sensibilidade crítica ampla que Susan Sontag manifestou o seu interesse sobre diversos aspectos da sociedade contemporânea (literatura, teatro, cinema, música, política, arte, guerra, etc.). Conviveu com intelectuais e artistas americanos, europeus, asiáticos, sul-africanos e latino-americanos, muitos dos quais ela nutria enorme identidade, admiração e respeito devido à seriedade moral com que conduziam os seus projetos. Publicou ensaios sobre escritores latino-americanos como Juan Rulfo, Jorge Luis Borges, Machado de Assis chamando também a atenção dos leitores para as inovações literárias produzidas na América Latina, e de que modo elas eram movidas pela urgência em pensar sobre os acontecimentos políticos e sociais daquele momento resultando em uma produção extremamente instigante e difícil de ser encontrada nesta mesma época nos Estados Unidos.¹⁸

Susan Sontag e a América Latina

A noção radical de liberdade política na sociedade norte-americana, defendida por Susan Sontag, tinha o intuito de criar boas condições para a diversidade de ações e opiniões criativas, porém não gerou efetivamente caminhos para que as mudanças estruturais substantivas passassem a serem vistas como urgentes e revolucionárias. Paul Goodman disse algo interessante a respeito da democracia norte-americana, no final dos anos de 1950, em seu livro – *Growing up absurd*: “In America you can say any think you want – as long as it doesn’t any affect”.¹⁹ E Susan Sontag refletia em uma nota de rodapé a esse respeito, no famoso ensaio escrito no Vietnã, *Viagem a Hanoi*, de 1966:

¹⁸ SONTAG, Susan. *Conversation with Susan Sontag...*, p. 169.

¹⁹ GOODMAN, Paul. *Growing Up absurd*. Problems of youth in the organized system. New York: Random House, 1960, p. 167.

A maioria dos indivíduos, na Europa e nas Américas, que são tão vociferantes em suas denúncias sobre a sociedade em que vivem, mostra-se profundamente confusa e insensata não apenas sobre o que preferiria no lugar, mas sobre qualquer projeto para a tomada real do poder, de modo que a transformação radical pudesse ser efetuada. Na realidade, a revolução nos países capitalistas ocidentais parece, com mais frequência do que nunca, ser uma atividade expressamente destinada a jamais ter sucesso. Para muitas pessoas, é uma atividade associal, uma forma de ação destinada à asserção da individualidade contra o corpo político. É uma atividade ritual dos marginais, e não de um povo unido ao seu país por um laço de paixão.²⁰

Susan Sontag acreditava que o trabalho do escritor é de fato um trabalho de ampliação da consciência e de reflexão sobre os valores históricos, afirmava que apesar do que se passava nos Estados Unidos, durante a Guerra Fria, não era preciso nascer ou viver na América Latina ou no Leste Europeu para se tornar um escritor sério e sensível à urgência dos acontecimentos vigentes.²¹ Acompanhada por diversos escritores latino-americanos, europeus e norte-americanos, Susan Sontag viajou por três meses nos inícios dos anos de 1960 para conhecer e apoiar a Revolução Cubana. Diferente da Revolução Russa que se desdobrou em uma experiência stalinista totalitária, indefensável na visão dela, a Revolução Cubana significava não somente a possibilidade de criar a justiça política e econômica, como também liberar e validar as energias pessoais (e as sociais) de todos os tipos, inclusive as eróticas. E foi isso que a revolução significou inicialmente para ela, um caminho de libertação para o desenvolvimento das potencialidades individuais na América Latina. Isso não significava apenas o clichê da esquerda do “primeiro mundo” que idealizava, segundo ela, a experiência revolucionária do “terceiro mundo” como não coercitiva, descentralizada, ardente, modesta em contraposição à sociedade urbana complexa, hipócrita, abundante e desvitalizada do “primeiro mundo”²², pois ela considerava também que o caminho revolucionário só poderia ser considerado como tal se estivesse atrelado a busca pela liberdade e autonomia pessoal. Talvez por ser assumidamente uma escritora americana, judia e bissexual, Susan Sontag sentia a necessidade de que a busca pela igualdade de condições dos processos revolucionários estivesse vinculada ao respeito pelos direitos das minorias.

²⁰ SONTAG, Susan. *A vontade radical...*, p. 277.

²¹ SONTAG, Susan. *Conversation with Susan Sontag...*, p. 243.

²² SONTAG, Susan. *A vontade radical...*, p. 272.

Em 1944, o poeta Robert Duncan²³ publicou um instigante ensaio argumentando que a posição dos homossexuais na sociedade contemporânea poderia se tornar uma referência para mensurar práticas democráticas, uma vez que outras minorias (negros, indígenas, asiáticos, etc.), apesar de serem discriminadas, eram geralmente consideradas como possíveis de serem integradas mesmo que levasse gerações. Somente os homossexuais eram pensados como possíveis de serem sempre discriminados. Em entrevista para um jornal, Susan Sontag certa vez afirmou como combateu essa noção: “My desire to write is connected with my homosexuality. I need the identity as a weapon, to match the weapon that society has against me. It justify my homosexuality. But it would give me – I feel – license”.²⁴ Isso explica em parte a razão de sua constante defesa em prol da pluralidade e da liberdade nas sociedades contemporâneas.

Em 1969, Susan Sontag viaja novamente a Cuba e escreve o ensaio “Some thoughts on the right way (for us) to love the revolution”²⁵, publicado por uma das mais importantes revistas da New Left nos EUA - Ramparts, a partir da sua experiência durante duas semanas de trabalho voluntário em Cuba, oferecendo um testemunho para se pensar sobre as semelhanças e diferenças entre a nova esquerda norte-americana e a Revolução Cubana, além de reforçar a sua crença na originalidade revolucionária. Muitos valores morais reivindicados pelos movimentos radicais de contracultura nos Estados Unidos como individualismo, drogas, atividades não produtivas eram rechaçados pela Revolução Cubana que defendia o coletivismo, o trabalho voluntário e o produtivismo. O que poderia ser revolucionário em uma cultura soava, a seu ver, como reacionário em outra, e vice e versa. Mas segundo o historiador Duanel Díaz, a sua necessidade de escrever sobre esse tema esteve também relacionada à tentativa de responder a questão sobre como compreender o fato de em 1965, um dos ícones da geração Beat, Allen Ginsberg, ter sido expulso de Cuba por fazer apologia à maconha e manifestar disposição de ir para cama com Che Guevara. Para os radicais norte-americanos os desafios eram outros, a preocupação com a transformação individual e cultural era um elemento central que sinalizava também uma dificuldade por explicitar soluções concretas para problemas sociais. A Revolução Cubana era assim um caso exemplar em que se deveria entender a partir dos próprios registros

²³ DUCAN, Robert. The homosexual in society. *Politics*, 1, 7, August 1944, pp. 1-7.

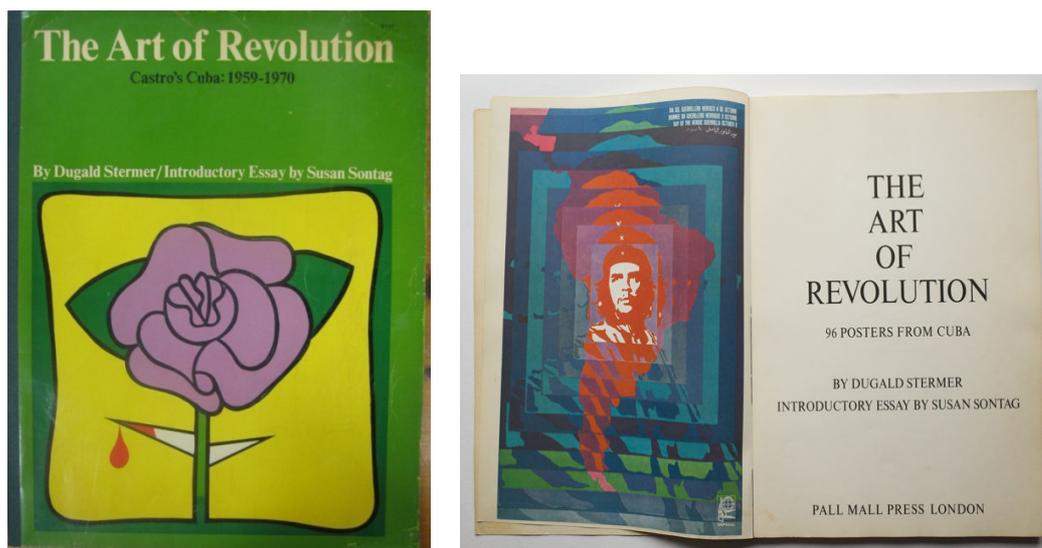
²⁴ SCHREIBER, Daniel. *Susan Sontag...*, p. 60.

²⁵ SONTAG, Susan. *Some Thoughts on the Right Way (for us) to Love the Cuban Revolution*. NY: Ramparts, 1969, pp. 6-19.

culturais da ilha, uma vez que os cubanos alcançaram um tipo real de liberação e vitalidade, diferente da América em que, por exemplo, o Estado é visto como um mal necessário.

O “Caso Padilla” foi emblemático sobre o início das divergências entre as esquerdas em relação à política cubana. Susan Sontag acreditou inicialmente que o caso era uma exceção. Tudo começou quando o poeta cubano Heriberto Padilla publicou alguns artigos no suplemento literário *El Caimán Barbudo* em 1967, nos quais questionou muitas dos rumos da Revolução Cubana vinculados a liberdade de expressão e aos campos de trabalho forçado na ilha. Em resposta às opiniões de Padilla, que era homossexual, os editores do suplemento cubano disseram que ele estava equivocado e retiraram os seus prêmios. Em 1971, ele foi preso, torturado e obrigado pelo governo cubano a pedir desculpas pelos “crimes contrarrevolucionários”. O escritor cubano Reinaldo Arenas afirmou em entrevista que desde 1968 o trabalho de Padilla representava uma referência cultural muito importante em um ambiente revolucionário que não dava margem para a dissidência política e a expressão homossexual. Susan Sontag junto com outros 61 intelectuais, como Octavio Paz, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa e José Revueltas, cobraram publicamente em jornais como *Le Monde* e *The New York Times* a imediata absolvição de Padilla.

Em 1970, durante o desenrolar do Caso Padilla, já com uma visão crítica a respeito dos desdobramentos autoritários da Revolução Cubana, mas ainda capaz de se entusiasmar pelos avanços em educação, arte e saúde na ilha, Susan Sontag publica o ensaio “Posters: advertisement, art, political artifact, commodity” em que reavalia tanto os avanços culturais promovidos pela revolução quanto os limites dessa experiência ao apresentar a relevância e a qualidade dos pôsteres cubanos. Estes pôsteres foram produzidos por artistas cubanos criativos empenhados em conectar a Revolução Cubana a todas as outras formas de luta contra a opressão e o imperialismo, ocorridas em várias partes da América, África e Ásia.



Segundo Susan Sontag, o caminho para a Revolução Cubana evitar o “comunismo fascista” seria a criação de uma nova consciência política internacional que prezasse pela liberdade de expressão e o combate a todas as formas de opressão. Os pôsteres, reunidos e publicados em New York no ano de 1970, representaram, na visão dela, uma oportunidade para a cultura ocidental burguesa conhecer a qualidade dos artistas cubanos e consumir as ideias revolucionárias. Porém, a escritora chama a atenção para a corrupção envolvida na forma como a esquerda liberal burguesa consome as ideias revolucionárias nos países desenvolvidos, ou seja, sem nenhum compromisso real, concreto e pragmático com a luta pela superação efetiva das injustiças sociais.

É possível observar que a incapacidade de reação efetiva da esquerda liberal burguesa nos Estados Unidos contra as várias formas de opressão esteve vinculada nesses anos a incapacidade da mesma de romper os laços com o consumismo e o imperialismo. Sem uma tomada de posição drástica, uma mudança de sensibilidade e uma disposição para mudar o sistema, as experiências revolucionárias significariam apenas objeto de deleite intelectual incapaz de servir a ação transformadora. Quando finaliza o ensaio com “*Caveat emptor. Viva Fidel*”, ela chama atenção para ironia da New Left em eleger Fidel como uma figura emblemática capaz de enfrentar o modo de vida frívolo e superficial das sociedades capitalistas incapazes de criarem uma consciência revolucionária. A corrupção da esquerda liberal burguesa seria reconhecer a necessidade da transformação social e não querer abrir mão de seus próprios privilégios acabando apenas por reverenciar a

integridade de certos pensamentos e ações alheios sem conseguir partilhar do risco envolvido nesses processos.

A complexidade com que refletia sobre o modo de vida nos Estados Unidos não eximia ela mesma de se reconhecer como parte dessa sociedade “não ética” e insensível a “dor dos outros”, mas que contraditoriamente produzia uma enorme variedade de prazeres intelectuais críticos e estéticos.²⁶ Segundo Richard Cândida Smith, a Revolução Cubana na América Latina representou uma experiência moral única que de algum modo sinalizava uma alternativa em relação ao consumismo industrial da sociedade norte-americana e o socialismo burocrático da União Soviética. Os heróis que emergiram das necessidades populares profundas, como Fidel Castro ou Che Guevara, não poderia ser um “organization man” situado à direita ou à esquerda, mas indivíduos destemidos o suficiente para sacrificar as suas vidas e destruir o modo de vida superficial que as elites europeias tinham criado. Esses heróis revolucionários poderiam trazer à tona novas formas de governo condizentes com as necessidades do povo.²⁷

Um dos mais importantes pontos de conexão entre os latino-americanos à esquerda e os norte-americanos progressistas foi a Europa, especialmente a França. O país representou para muitos artistas e intelectuais, durante a Guerra Fria, a possibilidade de novos arranjos culturais como o das editoras norte-americanas, que passaram considerar, a partir do olhar para o velho mundo, os livros latino-americanos como um bom negócio e conseguiram publicar nesses anos três vezes mais autores latino-americanos nos Estados Unidos do que as próprias editoras francesas. O papel que muitos intelectuais franceses e latino-americanos desempenhavam em suas respectivas culturas era na perspectiva de Susan Sontag admirável, pois tinham adquirido uma autoridade moral no espaço público difícil de ser observada nessa mesma época nos Estados Unidos. Intelectuais norte-americanos não apareciam com frequência na televisão, na rádio ou em revistas populares como nesses países. Eles não alcançaram o mesmo prestígio e importância na mídia, que era mais voltada para o entretenimento.²⁸ Paris representou para Sontag “the alternative

²⁶ SONTAG, Susan. *A vontade radical...*, p. 234.

²⁷ CÂNDIDA SMITH, Richard. *Improvised Continent*. Panamericanism and Cultural Exchange. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2017, p. 202.

²⁸ SONTAG, Susan. *Conversation with Susan Sontag...*, p. 147.

capital of my imagination”²⁹. A fama que alcançou foi imediatamente associada pelos conservadores nos Estados Unidos a uma “excessiva” influencia intelectual francesa somada a uma glamorosa “herança” californiana.

A editora Farrar & Strauss (FSG) comprometida com a literatura premiada, de alta qualidade e especializada em promover novos escritores nos Estados Unidos, e no mundo publicou todos os seus livros. Pouco tempo depois que se mudou para New York, nos inícios dos anos de 1960, a editora abriu as portas para ela com publicidade, viagens, bolsas de pesquisa, o que resultou também em uma longa amizade estabelecida com o editor chefe Roger Strauss. Através desse contato, outros foram feitos, como com o editor chefe de Partisan Review e com escritores latino-americanos que publicaram na FSG, como Carlos Fuentes, Herberto Padilla e Elena Poniatowska. Mais tarde, o seu filho, Philip Rieff se tornou editor na FSG e publicou também escritores latino-americanos, como Mario Vargas Llosa. Sontag também chegou a publicar os seus principais ensaios e romances na América Latina por meio de importantes contatos estabelecidos com editoras, a Companhia das Letras no Brasil e Alfaguara no México, são alguns exemplos.

Quando Carlos Fuentes começou a ser publicado pela Farrar & Strauss, ele conheceu Susan Sontag e se tornaram amigos e entre encontros com editoras, participações em congressos, atos políticos e viagens à França e América Latina, que ela conheceu mais outros tantos intelectuais renomados latino-americanos como Gabriel García Marquez, Octavio Paz e Julio Cortázar. Fuentes nutriu por Susan Sontag uma enorme admiração, considerava Sontag a mais veemente crítica da política externa norte-americana e aquela que tornou a cultura pop (cinema, moda, “camp”), marginal e excêntrica possível de ser compreendida no sentido mais radical.³⁰ Desde os anos 1970 até os anos 1990, ele foi o seu anfitrião nas conferências que realizou no México sobre diversos temas, como feminismo, política e literatura.

Elena Poniatowska a entrevistou no México, em 1972, devido a uma série de palestras que ministrou na UNAM sobre a liberação feminina, e ficou impressionada com a sua inteligência e personalidade. Reconhecia nela a “consciência crítica dos Estados

²⁹ KAPLAN, Alice. *Dreaming in French: The Paris Years of Jacqueline Bouvier Kennedy, Susan Sontag, and Angela Davis*. Chicago: University of Chicago Press, 2012, p. 138.

³⁰ FUENTES, Carlos. El lenguaje del valor. Disponível em: https://elpais.com/diario/2004/12/29/cultura/1104274804_850215.html Acesso em: 03/06/2018.

Unidos” e endossava a ideia, compartilhada por alguns intelectuais franceses como Sartre, de que ela era a “la Bouvoir americaine”.³¹ Nesse mesmo ano, Susan Sontag publicou o célebre ensaio “The Third World of Women” em resposta a solicitação da revista *Libre*, de orientação marxista, que indagava sobre o seu entendimento com relação à situação da mulher na sociedade contemporânea. O resultado do ensaio foi à defesa da ideia de que a revolução somente seria vitoriosa se levasse em consideração a liberação feminina, quando republicou na revista *Partisan Review* afirmou: “Most of readers of *Libre* live in Latin America, witch explains the painstakingly explicit character of I wrote.”

Octavio Paz se tornou seu amigo, uma admiração mútua logo se estabeleceu e durante um longo período compartilharam muitas afinidades eletivas sobre literatura e política. Paz publicou os ensaios de Sontag em sua revista mexicana, *Plural* e *Vuelta*, e depois de sua morte o seu sucessor, o historiador Enrique Krauze, seguiu publicando Sontag na revista mexicana *Letras Libres*. No ano de 1978, Paz escreveu uma carta endereçada a ela sobre os seus ensaios: “Dear Susan - I envy your perception and way so clear and so light your prose meanders and advances. I love specially on remarks on space, mazes, “flanerie”, and the art of straying. I think that your essay must be known in Spanish and we will be happy to publish it in *Vuelta*.”

Julio Cortázar, no seu metacomic de 1975, a considerou uma personagem intelectual fundamental na luta pela libertação dos povos latino-americanos. Em um dos diálogos imaginados, Susan Sontag, chama atenção de Cortázar sobre o perigo de se buscar líderes e heróis para salvar a América Latina sem que, ao mesmo tempo, o povo reaja cotidianamente às injustiças vividas na região:

Susan Sontag: - No, Julio, no agregues “Fantomas” o cualquier nombre que se te ocurra. Por supuesto que necesitamos líderes, es natural que surjan y se impongan, pero el error (?Era realmente Susan la que hablaba? Otras voces se mezclaban ahora en el teléfono, frases en idiomas y acentos diferentes, hombres y mujeres hablando de cerca y de lejos), el error está en presuponer al líder, Julio, en no mover ni um dedo si nos falta, en esperar sentados que aparezca y nos reúna y nos dé consignas y nos ponga en marcha. El error es tener ahí delante de las narices cosas como la realidad de todos los días, como la sentencia del Tribunal Russell, ya que anduviste en eso y me sirve de ejemplo, y seguir esperando a que sea siempre outro el que lance el primer llamado.

Julio Cortázar:- Susan, nuestros pueblos están alienados, mal informados, torcidamente informados, mutilados de esa realidad que sólo unos pocos conocen.

³¹ PONIATOWSKA, Elena. Susan Sontag, entrevista de Elena Poniatowska, México, 2004. Disponível em: <http://escritorasunidas.blogspot.com/2011/02/susan-sontag-entrevista-de-elena.html> Acesso em: 03/05/2018.

Susan Sontag: - Sí, Julio, pero todo eso se sabe también de otras maneras, se sabe por el trabajo o la falta de trabajo, por el precio de las papas, por el muchacho que balearon en la esquina, por los ricachos que pasan en sus autos delante de las vilas miseria (es una metáfora porque tienen buen cuidado de no pasar en su puta vida). Eso se sabe hasta en lo canto de los pájaros, en la risa de los chicos, en el momento de hacer el amor. Esas cosas se saben, Julio, la sabe un minero o un maestro o un ciclista, en el fondo todo lo mundo la sabe, pero somos flojos o andamos desconcertados, o nos han llevado el cerebro y creemos que tan mal no nos va simplemente porque no nos allanan la casa o nos matan a patadas....³²

É cabível imaginar como era conhecido o entendimento de Susan Sontag sobre a superação das mazelas sociais na América Latina, ao enfatizar a necessidade de se buscar autonomia e liberdade a partir da ação e da consciência moral, e não a partir da concessão do Estado, da defesa ideológica cega ou do direito de esperar passivamente por uma saída. Posições políticas, como esta, narrada por Cortázar, frequentemente provocaram controvérsias, durante a Guerra Fria, ao bater de frente tanto com parte do discurso conservador nos Estados Unidos quanto com as crenças de parte da esquerda na América Latina com relação ao papel provedor do Estado.

Em 1977, Susan Sontag escreveu em seu diário: “Não estou interessada em “construir” nenhuma forma de sociedade nova ou entrar para nenhum partido. Não existe nenhum motivo para que eu tente me situar na esquerda ou na direita – ou ter a sensação de que devia ter feito isso. Essa não deve ser a minha linguagem.” (SONTAG, 2016, p. 497). Mas quando se evita se posicionar de forma partidária e se assume como uma escritora independente há consequências, no mínimo incomodadas, porque raramente era possível ser compreendida fora desse registro político de esquerda/direita nas sociedades ocidentais, ou seja, não era facilmente aceito a ideia de neutralidade e independência intelectual, durante boa parte do século XX.

Foi em 1982 que publicamente ficou claro o fim do apoio de Susan Sontag a Revolução Cubana e as esquerdas revolucionárias, quando fez um duro discurso no Town Hall em New York, no qual estavam presentes proeminentes artistas, intelectuais e sindicalistas das esquerdas, como Gore Vidal, Allan Ginsberg e Paul Singer, contra o regime opressor na Polônia. Em seu discurso ela condenou tanto as arbitrariedades do governo Reagan que ocorriam, naquela época, na Nicarágua e em El Salvador, quanto à

³² CORTÁZAR, Julio. *Fantomas contra los vampiros multinacionales...*

incapacidade das esquerdas de reconhecer os limites éticos do projeto revolucionário que obriga as pessoas a agirem como o Estado quer. A repressão do Estado comunista na Polônia se assemelhava para ela as Ditaduras Militares da Argentina e Chile. A falta de ética estava associada assim à falta de limites no fazer político, era preciso então abrir mão da “old and corrupt rethoric”. Nesse momento, Marx, a seu ver, já estava completamente ultrapassado e as revoluções na América Latina e no Leste Europeu tinham se tornado uma espécie de fascismo com face humana. “Communism is fascism . . . the most successful variant of fascism . . . fascism with a human face.” Vaias de parte das esquerdas e comentários de que ela tinha deixado de ser uma escritora radical para se tornar uma conservadora elitista não faltaram (SONTAG, 1995,p.238). O jornal The Nation publicou: “Susan Sontag is Norman Podhoretz with a human face”.³³ Garry Wills, Diana Trilling, Noam Chomsky, Seymour Martin Lipset, Edward W. Said, Aryeh Neier, Marshall Berman e Andrew Kopkind, entre outros, questionaram a forma generalista como tratou as experiências socialistas.

Susan Sontag entendeu que a posição que assumiu e as críticas que recebeu naqueles anos eram de alguma forma semelhante ao caminho percorrido pelo escritor francês André Gide, quando ele denunciou os horrores do stalinismo e foi chamado de fascista. A tentativa de provocar o debate para que o público abandonasse a lógica maniqueísta, que tinha influenciado a mente das pessoas por décadas era um dos seus objetivos. Grande parte do prestígio do comunismo foi, para ela, o de criar adversários como o fascismo e de considerar que o inimigo é sempre “o outro”.³⁴ A dificuldade de aceitar uma posição política binária vem de sua conexão com a longa tradição radical americana em defesa da liberdade que a fez reconhecer como determinadas experiências comunistas e revolucionárias, como Cuba, República Checa, Afeganistão e Polônia tinham esvaziado o sentido da palavra socialismo e de que maneira importantes batalhas sociais não estavam mais situadas na direita ou na esquerda. Direitos das mulheres, do meio ambiente, dos homossexuais, dos negros foram e são lutas que não estão necessariamente no campo da esquerda ou direita (SCHREIBER, 2014, 164). Isso explica em parte a razão do

³³ SCHREIBER, Daniel. *Susan Sontag...*, p. 165.

³⁴ SONTAG, Susan. *Conversation with Susan Sontag...*, p. 98.

seu ativismo político não estar atrelado aos partidos, e nem a uma visão institucionalizada da política.

Considerações finais

É importante levar em conta que o cenário político mudou nos Estados Unidos durante a Era Reagan. A direita se tornou hegemônica, o consumismo aumentou, a desigualdade cresceu e a esquerda se fragmentou de tal forma que eram poucas as questões que a mantinha unida. Diversos liberais burgueses adotaram uma postura conservadora e muitos esquerdistas abandonaram o radicalismo. A especialização tomou conta das universidades, as grandes narrativas históricas caíram em desuso e o fazer intelectual ficou em parte condicionado a projetos políticos empresariais. *Partisan Review* fechou as portas, os liberais conservadores Norman Podhoretz, Hilton Kramer, Irving Kristol dominaram parte significativa da vida pública.³⁵

E Susan Sontag passou a lutar com veemência em prol da liberdade de expressão tanto nos Estados Unidos quanto nos países comunistas por meio da participação ativa em instituições liberais, como o New York Institute for the Humanities e PEN America Center. Denunciou a censura imposta pelo governo soviético aos intelectuais dissidentes, como Josephy Brodsky e Irina Ratushinkaya. Atuou junto com Ted Kennedy e Mario Vargas Llosa no processo que levou Heberto Padilla a viver exilado nos Estados Unidos em 1979.³⁶ Participou do documentário francês - *Improper Conduct (Mouvaise Conduite)* - sobre a repressão do governo cubano aos homossexuais, lançado em 1984 afirmando: "The discovery that homosexuals were being persecuted in Cuba shows, I think, how much the Left needs to evolve". Assinou uma polêmica Carta Aberta a Fidel Castro, em 1988, questionando o fato de estar no poder há mais de 30 anos e sugerindo que seguisse o exemplo de Pinochet, que após 15 anos de Ditadura no Chile realizou um plebiscito para saber se a população concordava ou não com a permanência dele no poder. Celia Cruz, Octavio Paz, Andy García, Manuel Puig, Guillermo Cabrera Infante também assinaram esta mesma carta. E enviou, em 1989, com outros escritores cubanos, como Heberto Padilla e Reinaldo Arenas, outra carta a Fidel Castro pelo The fund for free expression, em protesto

³⁵ SCHREIBER, Daniel. *Susan Sontag...*, p. 154.

³⁶ RIVERO, Raul. Heberto Padilla: tiempo al tiempo. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, Invierno de 2000/2001, no. 19, pp. 19-20.

contra a prisão de escritores cubanos, como Elizardo Sánchez Santa Cruz, acusados de disseminar falsas notícias sobre Cuba nos Estados Unidos.

A batalha em favor da liberdade de expressão incluiu assim a censura imposta pelo próprio governo norte-americano quando impediu escritores considerados “comunistas” de entrarem no país. Em 1984, Susan Sontag participou do ato realizado pelo PEN America Center em prol de escritores e artistas proibidos – “Forbidden Writers” – como Ángel Rama, Pablo Neruda, Julio Cortázar, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez, entre outros, que tiveram em momentos diferentes, desde a Era McCarthy, vistos negados para entrar nos Estados Unidos. Em homenagem a esses escritores leu trechos do trabalho de Carlos Fuentes, poesias de Pablo Neruda, como *Residencia II*, e teceu críticas a lei norte-americana que “penaliza e humilha” os escritores com posturas ideológicas distintas.

E foi com esse tipo de engajamento político que seguiu por muitos anos, inclusive atuando no exterior. No ano de 1998, durante o XIV Festival del Centro Histórico de la Ciudad de México – participou em conjunto com Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez de um manifesto contra escritores censurados. Em 2003, Susan Sontag convidada para dar uma conferência na Colômbia, aproveitou a oportunidade para questionar publicamente Gabriel García Márquez sobre o seu posicionamento político, uma vez que sua insistência em apoiar Fidel não permitia a ele dizer a verdade em relação às prisões em massa e condenações por motivo banal na ilha.

A ideia de que a censura existe, de múltiplas formas e graus, em todas as sociedades porque as ideias são perigosas e os sistemas precisam ser preservados deu a ela um entendimento crítico sobre os limites da liberdade, bem como o reconhecimento que não havia outro país que ela conhecesse mais livre do que os Estados Unidos na preservação da liberdade individual. Em seu arquivo digital, ela escreveu: “Does that say something flattering about us? That this a country to which a great foreign writer could emigrate, continuing mainly to write in his own language, and fell entirely at home. I doubt that this could happen in any other country in the world.” Mas isso não a impediu, por outro lado, de sentir a censura imposta pela própria liberdade de imprensa nos Estados Unidos, refém de interesses políticos e econômicos.

É que quando Susan Sontag foi homenageada, em 2003, com o prêmio Prêmio Oscar Romero, ela lembrou uma série de atrocidades que não foram amplamente

divulgadas pela mídia norte-americana, como a morte trágica da estudante americana Rachel Corrie pelo exército israelense ao tentar prevenir a demolição de casas palestinas e a heroica morte de Oscar Romero, Arcebispo de El Salvador, assassinado com um tiro no coração enquanto rezava a missa porque tinha declarado abertamente posição contrária à opressão e à violência. A recusa de alguns jornais, como o New York Times, de quererem publicar na íntegra o seu discurso crítico – *Of courage and resistance* – ao Estado de Israel e a política externa norte-americana ela associou a censura. O trecho da carta enviada à amiga e escritora sul-africana Nadine Godiner não deixa dúvidas: “Censorship here – largely self-censorship – is more persuasive than one might have ever imagined. The fear and the penalties are real.”

A sua reflexão sobre os valores morais nos Estados Unidos era atrelada a desconfiança e ao desprezo existente no país com relação aos intelectuais. Seguiu ao longo de sua trajetória com a ideia de que a moral não é sobre regras e imperativos, é sobre engajar em uma conversa interior. Inspirada em Hannah Arendt, indagava: Eu posso conviver comigo mesma se eu faço isso (ou não faço isso)? Não, então isso se torna o limite da minha imaginação e ação. O que torna moral uma forma de julgamento sobre a vida pública é o modo como damos atenção ao que acontece fora de nós, no mundo, e a maneira como reconhecemos que tanto o nosso diálogo interno é conflituoso quanto também a experiência da pluralidade e os limites da ação. Assim, entender o “eu” como conflito contribui para que seja possível lidar com a diversidade do mundo e o comprometimento com a liberdade em sua pluralidade. Não foi por outro motivo que tanto defendeu a literatura como a expressão capaz de fornecer uma grande lição sobre o significado da diversidade ao apresentar infinitas possibilidades humanas.

As polêmicas que envolveram Susan Sontag foram travadas em razão da sua visão sobre a moral, da defesa do exercício da crítica, inclusive ao Estado, e da necessidade de falar ao grande público sobre a complexidade da sociedade contemporânea. Em seu diário, ela certa vez se definiu como uma escritora “libertária/conservadora/radical”³⁷, ou seja, com uma abertura de ideias que não a prendia em nenhum grupo ideológico específico e permitia com que o seu engajamento fosse possível de ser modificado e entendido de muitas formas. Susan Sontag foi considerada sim uma - libertária – afirmou que não era tão

³⁷ SONTAG, Susan. *Diários II*. Susan Sontag – 1964-1980. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 497.

ruim ser uma intelectual burguesa e que não havia motivo para sentir vergonha de viagens e prazeres frívolos.³⁸ Foi radical, nos anos 60 e 70, quando defendeu Panteras Negras, Cuba, Vietnã, etc. e condenou o imperialismo dos Estados Unidos. E conservadora aos olhos daqueles que a viam como esnobe por rechaçar o anti-intelectualismo americano, difundido pela grande mídia e até mesmo pelo próprio movimento Hippie.³⁹ Lutar por certos princípios morais exigia, a seu ver, resistir para agir com seriedade na vida pública ao construir certos padrões de probidade e responsabilidade no discurso, mesmo que o preço a ser pago fosse ter que lidar com críticas, vaias e reprovações.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. The cold war and the west. New York: *Parisan Review*, 1962, pp.11-20.
- BELLAH, Robert N. *Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- BLOOM, Alexander. *Prodigal sons: the New York Intellectuals & Their World*. New York: Oxford University Press, 1986.
- CÁNDIDA SMITH, Richard. “Romper lo que está resquebrajado’: 1968 in the United States of America”. *Cuadernos de Historia Contemporánea* (Madrid), 31 (2009), pp.135-148.
- CÁNDIDA SMITH, Richard. *Improvised Continent. Panamericanism and Cultural Exchange*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2017.
- COCBURN, Alexander. *Stone, Glass Houses, Sontag, and Saïd*. April 5, 2001 Disponível em: <https://www.thenation.com/article/stones-glass-houses-sontag-and-said/> Acesso em: 20/03/2008.
- CORTÁZAR, Julio. *Clases de literatura*: Berkeley, 1980. Buenos Aires: Alfaguara, 2014.
- CORTÁZAR, Julio. *Fantomas contra los vampiros multinacionales*. México, 1975.
- CHOMSKI, Noam. *The responsibility of Intellectuals*. New York: The New York Press, 2017.
- DUCAN, Robert. The homosexual in society. *Politics*, I, 7, August 1944.
- FUENTES, Carlos. *El lenguaje del valor*. Disponível em: https://elpais.com/diario/2004/12/29/cultura/1104274804_850215.html Acesso em: 03/06/2018.
- FOX, Margalit. *Susan Sontag, Social critic with verve, dies at 71*. 29/12/2004 Disponível em: <http://www.nytimes.com/2004/12/29/books/susan-sontag-social-critic-with-verve-dies-at-71.html> Acesso em: 02/03/2018.
- GOODMAN, Paul. *Growing Up absurd*. Problems of youth in the organized system. New York: Random House, 1960.

³⁸ SONTAG, Susan. *Conversation with Susan Sontag...*, p. 101.

³⁹ SCOTT, Jonathan. *Entrevista completa para a revista Rolling Stone*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 43.

- HABERKI, Ray. *Susan Sontag and the 9/11 Haze*. Disponível em: <https://s-usih.org/2011/09/susan-sontag-and-911-haze/> Acesso em: 02/09/2017.
- KAPLAN, Alice. *Dreaming in French: The Paris Years of Jacqueline Bouvier Kennedy, Susan Sontag, and Angela Davis*. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- LOPATE, Philip. *Notes on Sontag*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- MITRANO, Mena. *In the archive of longing: Susan Sontag's critical modernism*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.
- MOSER, Benjamin. *Susan Sontag: Vida e obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- PONIATOWSKA, Elena. *Susan Sontag, entrevista de Elena Poniatowska*, México, 2004. Disponível em: <http://escritorasunidas.blogspot.com/2011/02/susan-sontag-entrevista-de-elena.html> Acesso em: 03/05/2018.
- RIEFF, David. *Swimming in a sea of death. A son's memoir*. New York: Simon & Schuster, 2008.
- RIVERO, Raul. Heberto Padilla: tiempo al tiempo. *Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, Invierno de 2000/2001, no. 19, pp. 19-20.
- SCHREIBER, Daniel. *Susan Sontag: a biography*. Illinois: Northwestern University Press, 2014.
- SCOTT, Jonathan. *Entrevista completa para a revista Rolling Stone*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- SONTAG, Susan. *Against interpretation. And others essays*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1966.
- SONTAG, Susan. *Some Thoughts on the Right Way (for us) to Love the Cuban Revolution*. NY: Ramparts, 1969, p. 6-19.
- SONTAG, Susan. *The art of revolution: 96 Posters from Cuba*. London: Pall Mall Press London Limited, 1970.
- SONTAG, Susan. Third world of women. *Partisan Review*: New York, vol. 40, n. 2, 1973, pp. 86-201.
- SONTAG, Susan. *Conversation with Susan Sontag*. Jackson: University Press of Mississippi, 1995.
- SONTAG, Susan. *Under the sign of Saturn*. New York: Farrar. Strauss. Giroux, 1980.
- SONTAG, Susan. *Ao mesmo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SONTAG, Susan. *A vontade radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SONTAG, Susan. *Diários II. Susan Sontag – 1964-1980*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SONTAG, Susan. *Literature is freedom*. Connecticut: Winterhouse Editions, 2003.
- STAROBIN, Joseph R. *American communism in crisis: 1943-1957*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1972.
- WALD, Alan W. *The New York Intellectuals: The rise and decline of the anti-Stalinist left from the 1930's to the 1980's*. New York: University of Carolina Press, 1987.

WALD, Alan W. *American Night: the literature left in the Era of Cold War*. New York: The University of Caroline Press, 2012.

WATER, Clay. *Susan Sontag, the Times' Anti-American Essayist*. TimesWatch.org. Disponível em <http://archive.mrc.org/timeswatch/articles/2004/99.aspx> Acesso em: 30/01/2018.

UCLA Library Special Collections, Charles E. Young Research Library.

Recebido em 19 de agosto de 2019

Aprovado em 26 de setembro de 2019